



A “canção”: um viés no desenvolvimento prazeroso da leitura

Carmen Elena das Chagas

Professora Mestra em Língua Portuguesa – UFF

carmenelena@bol.com.br

Resumo

Sob a ótica da Prática no Ensino de Língua Materna e buscando os pressupostos teóricos da Pedagogia Simbólica, segundo Byington (1996), este estudo objetiva trabalhar a leitura de forma prazerosa, sob o viés do gênero “canção” e atinge um público leitor formado por alunos do Ensino Médio, cuja estratégia “Contextualizar para conhecer” (SILVA, 2005) é composta por atividades de leitura, por meio de um conjunto de canções de variados estilos musicais, que atingem um conhecimento que vai do popular ao clássico.

Palavras-chave: Leitura. Canção. Prazer criativo.

1. Considerações iniciais

A leitura é uma prática social que remete a outros textos e outras literaturas, isto é, ao se ler um texto, coloca-se em ação todo o sistema de valores, crenças e atitudes do leitor que reflete o grupo social em que ocorreu a socialização primária, ou seja, o grupo social em que o leitor foi criado.

Considerando que o ensino da língua visa proporcionar ao aluno situações em que possa vivenciar a linguagem como prática social e que o ensino deve estar organizado em torno do texto como uma unidade por meio da qual se atualizam os diferentes gêneros, é possível que a simples prática social de leitura de texto já atenda às exigências dessa língua. Porém uma análise da estrutura do texto pode constituir um interessante foco da Língua Portuguesa se o gênero selecionado for a “canção”, pois se pode explorar a função das metáforas, das sinestésias e da intertextualidade. Por outro lado, o tema do texto pode servir de âncora para introduzir outros trabalhos como ilustrações, poemas, apresentações em slides, novas canções e outros gêneros

afins. O texto pode redistribuir a língua e uma das vias dessa reconstrução é a de permutar idéias que existem ou existiram ao redor do texto analisado, e por fim, dentro dele mesmo.

Nessa perspectiva, tem-se a definição de texto como “toda construção cultural que adquire um significado devido a um sistema de códigos e convenções” (DICIONÁRIO Luft, 1990). O significado de texto não se restringe só ao que está nele, mas sim no seu significado que resulta da interação com outros textos, porque “todo texto é um intertexto” (VIGNER, 1988) e como postula, também, Bakhtin (2006):

O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizando que esse contato é um contato dialógico entre textos ... por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas (BAKHTIN, 2006, p.162).

Assim, um texto traz referências explícitas ou implícitas a outros, já que a intertextualidade, propriedade constitutiva de todo texto, pode contribuir para o desenvolvimento de enfoques diferenciados no ensino pelo fato de fazer da leitura uma atividade eminentemente interdisciplinar.

O *corpus* para esta pesquisa será composto por um conjunto de “canções” de variados estilos musicais, que visem a atingir um conhecimento que vai do popular ao clássico. O público-leitor que desenvolverá este trabalho será formado por alunos, do ensino Médio, cuja faixa etária é dos 15 aos 17 anos, pertencentes a uma escola pública estadual da cidade de Quissamã/RJ. As atividades desenvolvidas por meio do gênero “canção” serão organizadas e monitoradas por mim nas aulas de Língua Portuguesa. A metodologia para esta pesquisa será fundamentada em alguns mandamentos e submandamentos da leitura na escola apresentados por (SILVA, 2002, p. 35) em seu livro “Repensando a leitura na escola: um outro mosaico” e na pedagogia simbólica, segundo Byington (1996), baseada na formação e no desenvolvimento da personalidade e que por isso inclui todas as dimensões da vida: o corpo, a natureza, a sociedade, as idéias, as imagens e as emoções. Um método centrado na experiência e não na abstração, que evoca diariamente a imaginação de alunos e educadores para reunir o objetivo e o subjetivo dentro da dimensão simbólica ativada pelas mais variadas técnicas expressivas para vivenciar o aprendizado.

2. O ensino da leitura

O ensino da leitura apresenta uma pedagogia da contradição, pois fragmenta o texto para que se aprenda a perceber o todo e procura fazer com que o aluno responda somente ao que está previsto na leitura do professor ou do autor didático ao mesmo tempo que se exige um leitor participativo e crítico. Essa pedagogia acaba contribuindo para um aluno que lê e não entende, interpreta sem ter lido e faz atividades sem função realmente sociocultural.

A prática da leitura em sala de aula, muitas vezes, parte de uma leitura silenciosa ou em voz alta do texto, e depois, de uma série de questões a serem discutidas por meio de perguntas sobre o mesmo que não levam em consideração se o aluno de fato o compreendeu. Nessa prática, o professor transmite para os alunos uma versão que passa a ser a “autorizada” pelo ideal desejado. Essa concepção autoritária de leitura advém do princípio de que há apenas uma maneira de abordar o texto e uma interpretação a ser alcançada e, assim, permite todas as deturpações ocorridas no entendimento do texto, pois o aluno baseia-se na crença de que o papel dele consiste apenas em extrair informações por meio dos domínios das palavras que veiculam informações. Essa prática de leitura consiste, na verdade, em uma atividade de decodificação, porque dá lugar a leituras dispensáveis uma vez que não modificam a visão de mundo do aluno.

3. O Gênero “Canção”

Um projeto de leitura que se organiza em torno da “canção” integra atividades cuja realização envolve ler para compreender e apreender aquilo que se faz relevante para o desenvolvimento de outras atividades e não apenas o “mero ler para aprender a ler”. Segundo o compositor e linguista Tatit (1996), “uma canção é uma fala camuflada em maior ou menor grau. Essa camuflagem consiste na transformação dos contornos entonacionais da fala pela estabilização do movimento frequencial de sua entoação dentro de um percurso harmônico pela regulação de sua pulsação e pela periodização de seus acentos rítmicos.” Desse modo, a eficiência do gênero estaria na síntese perfeita entre a voz que fala e a voz que canta o que justifica o grande interesse popular exercido pela “canção”.

A “canção” é um gênero híbrido de caráter intersemiótico, pois é resultado da conjugação de dois tipos de linguagem, a verbal e a musical, representados pelo ritmo e pela melodia. Assim, a canção precisa de uma tripla competência: a verbal, a musical e a lítero-musical, sendo esta última a capacidade de unir as duas linguagens. Pode-se dizer que a “canção” é uma peça verbo-melódica breve e de veiculação vocal. Enquanto objeto de uso de uma comunidade, esses marcos conceituais da canção são extremamente flexíveis. Se sem a voz, a melodia é mera estrutura, sem a voz que fala no canto, a voz aí é apenas mais um instrumento. Dessa singular convivência entre o corpo vivo e o corpo imortal brotam o efeito de encanto e o sentido de eficácia da canção.

Um projeto que parte dessa concepção baseada na “canção” busca o ensino da leitura por meio da prática sócio-emocional, porque parte de situações consideradas relevantes no cotidiano dos alunos.

4. Pedagogia simbólica

A Pedagogia Simbólica é um referencial baseado no próprio desenvolvimento simbólico e arquetípico da personalidade e da cultura para tornar o estudo mais lúdico, emocional, atraente e emergente da relação transferencial amorosa entre o aluno, a classe e o professor. Uma pedagogia que busca inter-relacionar o aprendizado, a utilidade, o trabalho e as formas de produção, ao mesmo tempo em que relaciona simbolicamente os conteúdos ensinados com a totalidade da vida, abre a educação para uma dialética psicodinâmica permanente com a saúde e a cultura inter-relacionando a psicopedagogia normal dentro da busca da sabedoria. É uma pedagogia centrada no corpo humano, dentro do processo emocional, cognitivo e existencial do indivíduo e da cultura. Sendo a Pedagogia Simbólica uma pedagogia da vivência, ela não se centraliza primordialmente nem no Ego nem no Outro, isto é, nem no sujeito que aprende nem no objeto aprendido. Ambos são relativos e secundários nesse saber. Essencial é a relação do Ego com o Outro dentro do *Self*. Trata-se, assim, de uma pedagogia de relacionamentos que expressam a transformação do Ser individual, cultural e cósmico.

Para construir esse saber do *Self*, a pedagogia é exercida pelos símbolos e funções estruturantes que necessitam englobar as grandes dimensões do Ser: corpo, natureza, sociedade, ideia, imagem, emoção, palavra, número e comportamento (BYINGTON, 1988^a, p. 223). Essas

dimensões são inseparáveis, não correspondendo a um aprendizado que faz questão metodológica de excluir do seu método a vida como ela é e de ignorar que a avaliação do aprendizado caracteriza-se pela maior ou menor capacidade de se inserir o que se aprende no sentido do processo existencial.

5. Apresentação dos procedimentos de leitura

As atividades de leitura no gênero “canção” serão apresentadas ao público-leitor por meio da estratégia “Contextualizar para conhecer. Eis um caminho ...” (SILVA, 2005, p.155).

1ª etapa – Contemplação da cria – Partindo do dito (Individual)

- * Apresentação das canções
- * Leitura
- * Canto
- * Varredura da canção (título, compositor, ano, estrutura externa, etc.)

2ª etapa – Procurando os pais – Rumo ao não-dito (Grupos de 03 pessoas)

- * Contextualizar a canção na sociedade atual
- * Identificar passagens relevantes para os integrantes do grupo
- * Reconhecer fragmentos de outros textos na canção

3ª etapa – Gerando novos filhos (Partindo do coletivo para o individual)

- * Produzir trabalhos contextualizados a partir das etapas anteriores, proporcionando o resultado em novos gêneros textuais como cartazes, paródias, slides, poemas, dramatizações, etc.
- * Apresentar o trabalho, em forma de seminário, para a turma
- * Fazer uma re-leitura coletiva e individual da canção sob a ótica dos trabalhos apresentados

6. Trabalhos feitos em sala de aula

6.1 Canções trabalhadas

- * **A VOZ DOS EXCLUÍDOS**
(MV Bill e Cidade Negra)

Mv Bill está em casa pode acreditar terrorismo a voz
 do excluído tá no ar (tá no ar)
 Mais um guerreiro do Rio de Janeiro, buscando
 alternativa pra sair do coma brasileiro
 Considerado louco por ser realista, maluco eu não me
 iludo com vidinha de artista
 Guiado por Jesus tenho minha missão, guerreiro do
 inferno traficante de informação
 Chapa quente favelado é o nome, falo pelo menor que
 nunca teve danone
 Como você, sei que é difícil de entender, você nunca
 sofreu como eu lá na CDD
 Não acredito que o povo é contente, quem ri da
 própria
 miséria não é feliz está doente,
 Que nem sente que está sendo massacrado, drogado e
 sempre embriagado
 Não represento o hip-hop só falo pelo pobre, que
 sempre se “fode” guiado pelo IBOP
 Televisão ilusão tudo igual, faz você gastar seu
 dinheiro no carnaval
 Faz o meu povo ser ridicularizado, inferiorizado,
 engraçado, hostilizado
 tá tudo errado, orgulho foi roubado, as marcas de um
 passado que não foi cicatrizado.

[Refrão] 1x

o que você vai fazer agora pra mudar,
 a regra,
 o que você vai fazer agora pra mudar,
 a real

Nascido e criado na CDD, nascido preto perseguido até
 morrer
 Me ver na prisão é o desejo da madame, mais eu não
 tenho AP de um milhão em Miami
 Comprado, imobilhado com o dinheiro do povo, eu olho
 pra TV e me sinto mais um bobo
 Contaminado e dominado pelo medo, aqui cadeia é pra
 “puta”, pobre e preto

Sujeito homem, não sou homem sujeitado, e tô
 condicionado a ser manipulado,
 Por ninguém, minha atitude vai além, falo por
 milhões,
 compreendido por menos de cem
 da CDD à baixada fluminense, se gerou conflito meu
 amigo então pare e pense
 FHC não dá nada pra favela, só da carnaval, miséria,
 polícia e novela
 Que coisa mais linda mais cheia de graça, famílias
 disputando seu almoço na praça
 FMI vai achar sensacional, quem gosta de miséria é
 intelectual
 M-V-B-I-L-L, Preto na mente, na roupa e na pele

Cidade Negra, CDD tá no ar, na hora de cobrar a chapa
pode esquentar.

[Refrão] 3x

o que você vai fazer agora pra mudar,
a regra
o que você vai fazer agora pra mudar,
a real

*** TODO CAMBURÃO TEM UM POUCO DE NAVIO NEGREIRO**
(Marcelo Yuka - O Rappa)

Tudo começou quando a gente
Conversava
Naquela esquina ali
De frente àquela praça
Veio os zomens
E nos pararam
Documento por favor
Então a gente apresentou
Mas eles não paravam
Qualé negão? Qualé negão?

Todo camburão tem um pouco
De navio negreiro
Todo camburão tem um pouco
De navio negreiro

É mole de ver
Que em qualquer dura
O tempo passa mais lento
Pro negão
Quem segurava com força
A chibata
Agora usa farda
Engatilha a macaca
E escolhe sempre o primeiro
Negro pra passar na revista
Pra passar na revista

Todo camburão tem um pouco
De navio negreiro
Todo camburão tem um pouco
De navio negreiro

É mole de ver
Que para o negro
Mesmo a aids possui hierarquia
Na África a doença corre solta
E a imprensa mundial~
Dispensa poucas linhas
Comparado comparado
Ao que faz com qualquer
Figurinha do cinema

Ou das colunas sociais

6.2 Resultado do trabalho feito pelos alunos

Grupo 1 – Apresentação no Power Point



Grupo 2 – Poema

A PAZ DE NOSSOS DIAS

A paz de nossos dias
 Está no silêncio que não fazemos
 No irmão que não ajudamos
 na inocência da criança
 na experiência do idoso.
 A paz de hoje
 Está nas pessoas que passam por nós
 Que trazem uma lágrima no olhar
 Uma esperança no coração.
 A paz de nossos dias
 Está no céu que não admiramos
 Na terra a que não damos valor
 E a paz de hoje?

Está na compreensão que não usamos
 No amor que não retribuímos
 Está no calor de um abraço
 Na brisa que levemente beija a face.
 A paz de nossos dias
 Está na esperança que deixamos morrer
 Na alma que não alimentamos
 Na correria de nossos dias.
 A paz parece estar longe dos nossos olhos
 Estando o tempo todo
 Dentro de nós mesmos!

Grupo 3 – Cartum



Grupo 4 – Artigo de opinião

BRASIL, A TERRA DO NUNCA!

Decidimos colocar esse título, porque o Brasil é a terra do nunca pelo menos enquanto ninguém quiser mudar essa situação.

O Brasil é a terra do nunca pelo seguinte: não existe justiça, não existe segurança, não existe emprego, não existe vida de qualidade e nem oportunidade.

O que existe aqui nessa terra do nunca é preconceito, violência, falta de oportunidade, fome, desemprego, tráfico de drogas e muita desigualdade social, onde as pessoas pobres são excluídas, destratadas e vítimas do preconceito.

Se nosso país continuar assim vai ser para sempre a terra do nunca. Nosso país está sempre com discriminação social e racial, portanto diferenças atrapalham o desenvolvimento do país econômico e culturalmente.

O governo tem que investir na educação, pois o estudo é tudo hoje e está precário. Um grande problema também que finge ser solucionado é a violência contra a mulher, é um dos mais tristes e humilhantes em relação ao ser humano. A mulher é agredida pelo seu próprio marido, muitas vezes, até abusada sexualmente, a mulher precisa de mais respeito e de mais proteção.

Outro grande problema são os assaltos. O número de pessoas mortas por assalto à mão armada é um absurdo. As crianças nas ruas lutando por um prato de comida, vendendo balas, entrando na marginalidade e prostituição.

Para o Brasil mudar esta imagem antiga de terra do nunca é necessário uma grande mudança, não se trata de mudança de governo, de partido, nada disso, se trata de consciência, ajudar quem precisa e contribuir para uma sociedade um pouco menos violenta, já ajuda bastante. Eu acredito que o nosso país pode mudar.

Não vamos deixar que esse Brasil se transforme em uma terra do nunca. Vamos tentar honrar nossa bandeira, e fazer verdade a ordem e o progresso que estão escritos lá.

7. Considerações finais

Na interação na sala de aula, os objetivos e as atividades bem definidas passaram a adquirir uma função que diminuiu o peso dos fatores sociais e culturais. A aula tornou-se, assim, um lugar de criação de novas significações que levaram a aprendizagem e a transformação de alunos decodificadores em alunos-leitores. O gênero “canção” trabalhado de forma criativa pôde atingir os vários domínios do saber, tornando os papéis de professor e aluno mais flexíveis, diminuindo a distância que os isolava em função de objetivos pré-determinados.

O público-leitor cognitivamente comprometido mobilizou seus conhecimentos para dar sentido a uma situação ou a uma atividade e o resultado obtido adveio da relevância que a situação ou atividade apresentaram para a sua realidade e, nesse contexto, a motivação dos alunos que compuseram esses leitores se tornou eficaz.

Assim, esta pesquisa permitiu ao aluno-leitor por meio do gênero “canção” aprender a usar a informação no processo contínuo de construção do conhecimento que, como uma rede flexível, propiciou que novos fios puderam vir a se agregar, a substituir, a modificar, a engrossar e alongar os fios e os nós já existentes. É nesse cenário eficiente e questionador que o domínio da leitura pelo leitor se fez presente.

8. Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2006.
- BYNGTON, Carlos Amadeu. *Pedagogia simbólica: a construção amorosa do ser*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996 e 1988a.
- COSTA, Nelson Barros da *As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, M^a Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 107-121.
- LUFT, Celso P. *Dicionário Brasileiro Globo*. São Paulo: Globo, 1990.
- SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, Maurício da. *Língua afiada*. Niterói: Intertexto, 2005.
- _____. *Repensando a leitura na escola: um outro mosaico*. Niterói: EDUFF, 2002.
- VAGALUME. Disponível em: < <http://www.lettras/vagalume.com.br> >. Acesso em: out.2009.
- VIGNER, Gérard. Intertextualidade, norma e legibilidade. In: GAVES, Charlote; ORLANDI, Eni Pulcinelli; OTONI, Paulo (Orgs.). *O texto, leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1888.